

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IR AO CINEMA EM 1974
1 de abril de 2024

MOSSAFER / 1974

(*"O Passageiro"*)

um filme de Abbas Kiarostami

Realização e Argumento: Abbas Kiarostami / **Fotografia e Som:** F. Malekzadehc / **Montagem:** Amir Hassan Hami / **Intérpretes:** Hassan Darabi (Ghassem), Massoud Zand.

Produção: Instituto para o Desenvolvimento Intelectual de Crianças e Adolescentes / **Cópia:** dcp, preto e branco, legendado em inglês e eletronicamente em português, 74 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Mossafer é a primeira longa-metragem de Abbas Kiarostami, que só chegou ao Ocidente depois da descoberta de **Trabalhos de Casa**, **Close-up** e **Onde Fica a Casa do Meu Amigo?**, sendo este último considerado geralmente como a sua obra prima. E desenvolve de novo um tema recorrente em toda a sua obra: a infância e o confronto entre o sonho e o desejo com o princípio de realidade. Veremos, comparando com os outros filmes, que **Mossafer** é o mais sombrio de todos, porque neste caso, o percurso do jovem herói, Ghassem, não é uma viagem iniciática, é antes uma obsessão que terminará num fracasso. Talvez seja, pois, altura de dizer que no que se refere a Kiarostami a abordagem do mundo da infância não é um derivativo, uma forma de falar da realidade social no seu país. Se o é, é apenas pela incrustação dos personagens num momento particular. As suas crianças são "crianças" e não símbolos. Isto fez de Kiarostami o grande cineasta da infância, legítimo herdeiro do Rossellini de **Germania Anno Zero**, do Oliveira de **Aniki Bóbo**, do Truffaut de **Les 400 Coups**).

Ghassem, um garoto de rosto agressivo e determinado (versão "terceiro mundista" do jovem protagonista de **Le Petit Criminel**, de Jacques Doillon) tem uma paixão, o futebol, e uma obsessão, assistir a um jogo decisivo da seleção nacional, que terá lugar em Teerão, longe da pequena cidade onde vive. Todo o filme de Kiarostami se concentra em torno dos expedientes de Ghassem para levar a cabo a viagem sonhada. O futebol aliena-o completamente quer do trabalho escolar, quer das relações com os pais, que Kiarostami reduz a poucas aparições: se a mãe ainda tem alguma importância, repreendendo-o e queixando-se ao director da escola, o pai é praticamente invisível, desligado de qualquer influência sobre o filho, aparecendo uma única vez como ouvinte das queixas da mulher, fumando numa (aparente) indiferença, enquanto Ghassem toma nota do lugar onde a mãe guarda o dinheiro. Ghassem rouba, e vai enfrentar a pé firme todas as acusações da mãe e castigos corporais do director da escola, afirmando a inocência. Mas o combate acaba por se revelar frustrante, porque a quantia roubada se revela insuficiente para a viagem. Quebrado esse primeiro tabu, todas as outras transgressões vêm por acréscimo. Ghassem usa a

máquina fotográfica do amigo para com ela vigiarizar todos os colegas de escola com hipotéticas fotografias cobradas de imediato. Não chegando ainda o que conseguiu, rouba as balizas da sua equipa de futebol.

Cerca de duas partes do filme decorrem com estes "400 Coups" de Ghassem destinados à realização de um sonho, com o jovem percorrendo uma espiral de compromissos e rompendo com uma série de tabus sociais. Mas ao contrário das histórias de "proveito e exemplo" tal viagem não leva à "superação" e antes à primeira constatação do fracasso (é evidente que isto é, também, uma lição moral) e a uma antevisão das punições pelas suas faltas. Do começo até à chegada a Teerão há um acumular de tensões que cada vez se afirmam mais no rosto do jovem (e aqui vale a pena notar como já neste filme Kiarostami se revela como um notável director de actores, em particular dos jovens). Num momento, mesmo, chegamos já a antever o possível desastre: a expectativa de Ghassem pela partida, só no seu quarto, resistindo com todas as suas forças ao império do sono. É em sobressalto e no derradeiro momento que se lança atrás da camioneta que o transportará à capital. Estes dois terços de filme são dominados por um estilo acentuadamente realista, mas o filme só moderadamente se poderá classificar como tal, porque é apenas um pano de fundo, uma tela onde se projectam personagens de maior dimensão, como o garoto de **Germania Anno Zero** (repare-se também como ambos os filmes são dos raros em que a criança não é, de forma positiva ou negativa, idealizada, surgindo como um corpo em carne viva face às manifestações do princípio do prazer que por aquela idade começam a ser recalçadas, através da educação, pelo princípio de realidade).

E é exactamente sob o signo do princípio da realidade que se desenrola a terceira parte de **Mossafer**. Se até então tudo dependera da sua energia para vencer os obstáculos, estes agora são de outra ordem: a bicha interminável, os bilhetes esgotados, o recurso ao mercado negro que lhe leva todo o dinheiro que arranjava, e o longo compasso de espera até ao início do jogo. E é durante este, depois de passear pelo estádio, descobrindo as outras modalidades desportivas, que o princípio de realidade se impõe: o cansaço que o faz adormecer na relva. Às portas da vitória, o fracasso de Ghassem é total, só despertando muito depois do encontro ter terminado. Mas o princípio de realidade não se impõe só desta maneira. Manifesta-se também sob uma forma onírica, pois o sono de Ghassem é povoado de sonhos/pesadelos que prefiguram a punição pela ruptura dos tabus. Mas mais significativo é o plano final, com o garoto correndo desesperadamente pelas bancadas vazias e cheias do lixo dos espectadores.

Manuel Cintra Ferreira